

A HISTÓRIA DE SOLAPUR, ÍNDIA, onde as cooperativas populares de habitação constroem uma Cidade para as e os trabalhadores



Dossiê #6 do Tricontinental
Julho de 2018



Balamani Mergu, uma trabalhadora da produção de beedi (à direita), em sua casa em Kumbhari Subin Dennis/Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

Os projetos habitacionais populares em Solapur, na Índia, provam que a grande força dos movimentos organizados pelos trabalhadores, com a cooperação dos governos, pode produzir resultados.

“Antes, usávamos uma pequena cabana em uma favela em Shastri Nagar, cidade de Solapur. Quando chovia, a cabana costumava pingar, e não havia um único espaço seco dentro. Tínhamos que tirar continuamente a água quando chovia”, diz Balamani Ambaiah Mergu. Ela está enrolando beedis, um cigarro fino, em sua casa em Kumbhari, o local de uma iniciativa de habitação liderada pelo Centro dos Sindicatos Indianos (CITU).

Mergu, cuja língua materna é Telugu, é uma das trabalhadoras da produção de beedi que fazem parte do primeiro dos três principais projetos habitacionais do CITU em Solapur, no sudeste de Maharashtra, um estado no oeste da Índia. O projeto, batizado em homenagem ao falecido líder comunista Godavari Parulekar, conta com 10.000 caesas e foi considerado o maior do gênero na Ásia.

A iniciativa de habitação do CITU em Solapur é um esforço histórico que proporcionou moradias acessíveis a milhares de trabalhadores. Ao formar cooperativas e persuadir os governos federal e estadual a dedicar fundos para esse fim, os trabalhadores tiveram mais de 15 mil casas construídas desde 2001. A construção de outras 30 mil casas começou em janeiro de 2018, e deve ser concluída em quatro anos.



Favelas na cidade de Solapur
Subin Dennis/Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

De favelas a moradias populares

Solapur está situado perto da fronteira de Maharashtra com o Estado de Karnataka, enquanto Andhra Pradesh, outro estado vizinho, fica a apenas 220 km de distância. Pessoas pertencentes à casta *Padmashali* (uma comunidade historicamente marginalizada de tecelões), que migraram de Andhra Pradesh para Solapur, compõem mais de 40% da população da cidade. Não é de surpreender, portanto, que seja uma região multicultural e multilíngue, com oradores Marathi, Telugu, Kannada e Urdu. A maioria das pessoas em Solapur fala três ou mais idiomas.

De acordo com o último Censo da Índia em 2011, Solapur tem uma população de cerca de 950.000 habitantes, 18% dos quais vivem em favelas. No entanto, o número de moradores de favelas é significativamente menor do que em 2001, quando o número oscilava em torno de 25%. As lutas dos trabalhadores que levaram à construção de moradias populares foram os principais catalisadores para essa mudança.

As mulheres trabalhadoras da produção de beedi em Solapur, muitas das quais são as únicas ganhadoras de pão de suas famílias, são mal remuneradas e moravam em pequenas casas alugadas em favelas. O [fechamento das fábricas têxteis em Solapur](#), a partir da década de 1980, e a indústria de teares manuais trabalhando abaixo da capacidade levaram a um alto índice de desemprego. As trabalhadoras da produção de beedi, a maioria das quais são

de castas mais baixas e minorias religiosas, viram seus salários serem afetados negativamente.

Há cerca de 65 mil trabalhadores da produção de beedi em Solapur e suas condições de vida desanimadoras levaram a CITU – um sindicato com mais de 6,04 milhões de membros em toda a Índia a partir de 2015 – a encarar o problema de fornecer moradia decente e acessível.

O movimento da classe trabalhadora tem raízes profundas na região. O escritório do CITU na cidade de Solapur está localizado em uma área de classe trabalhadora próxima a uma favela descrita por Mergu. A maioria dos ativistas da CITU em Solapur são os próprios trabalhadores, ou ativistas em tempo integral de origens da classe trabalhadora. Seus colegas mais jovens da Federação Democrática da Juventude da Índia (DYFI), uma organização juvenil de esquerda aliada ao CITU, conversam com as pessoas na rua com um relacionamento fácil – típico de um movimento que assiduamente construiu vínculos orgânicos com o povo.

A luta que levou à iniciativa de habitação começou em 1992, com os trabalhadores em Solapur sob a liderança do CITU exigindo moradias a preços acessíveis. Narasayya Adam, líder do CITU e três vezes membro da Assembléia Legislativa de Maharashtra, do distrito eleitoral da cidade de Solapur (Norte), desempenhou um papel fundamental em iniciar e liderar a campanha. Ele é popularmente conhecido como “Adam Master”, ou professor Adam, como ele ensinou matemática para crianças, apesar de

não ser capaz de continuar os estudos formais além do Standard X (ensino fundamental).

Um projeto anterior de moradia mostrou-se inacessível para os trabalhadores, que lutavam para pagar as prestações mensais. Sua dívida acumulada e o fracasso do projeto resultaram na intensificação do movimento da CITU para a moradia dos trabalhadores. “Entre 1992 e 1995, o CITU constantemente aumentou a demanda por moradia para trabalhadores da produção de beedi”, diz Aparajita Bakshi, professor do Instituto Tata de Ciências Sociais, em Mumbai, que escreveu uma nota de pesquisa em 2012 sobre a iniciativa habitacional do CITU em Solapur.

“Em 1995, Adam Master venceu as eleições legislativas. No mesmo ano ele levantou o problema da habitação para os trabalhadores da produção de beedi na assembleia legislativa em um discurso memorável que ele apresentou sobre suas condições em Solapur”, escreve ela em sua nota.

Como resultado desses esforços, o governo estadual concordou em chegar a um termo de uma só vez com os proprietários das casas sob o formato anterior, para liquidar a dívida acumulada. Enquanto isso, Adam propôs um novo plano habitacional para trabalhadores da produção de beedi, segundo o qual o custo estimado de construção da casa, incluindo a compra da terra, seria de Rps. 60.000 (menos de US \$ 900). O custo deveria ser dividido igualmente pelo trabalhador, pelo governo central e pelo governo estadual.



Narsayya Adam dirigindo-se a uma reunião de trabalhadores no escritório do CITU, cidade de Solapur
Subin Dennis/Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

Sociedades cooperativas de habitação lideram o caminho

Os trabalhadores tiveram que travar uma longa e prolongada luta para conquistar sua demanda. Eles formaram sociedades de habitação cooperativa para impulsionar a iniciativa. Por meio de mobilizações em massa, ações e campanhas de protesto, forçaram os governos central e estadual a alocar recursos para a construção de casas.

“O CITU começou a organizar os trabalhadores da produção de beedi em suas questões locais inicialmente, sobre a questão do trabalho, cartões de identidade [para vários planos do governo] e outros benefícios”, disse K Hemalata, o presidente da CITU quando nos encontramos com ela no escritório em Nova Deli. “A maioria dos trabalhadores da produção de beedi eram mulheres e estavam dispersas em diferentes áreas. Assim, os dirigentes tiveram que passar de casa em casa e criar confiança entre elas, para que pudessem se organizar e que, juntas, poderiam conseguir aumentos salariais e assim por diante”.

Naseema Shaikh, que se juntou ao movimento ainda adolescente, nos deu um vislumbre das estratégias de mobilização adotadas para organizar os trabalhadores em manifestações e comícios. O camarada Adam Master costumava andar de bicicleta e organizava reuniões de trabalhadores em favelas. Formávamos equipes de quatro a cinco mulheres trabalhadoras”, explica ela durante uma entrevista na prefeitura de Solapur, da Sociedade

Cooperativa de Habitação, das Mulheres Trabalhadores da produção de beedi.

“No final da década de 1990, quando a agitação feita pela cooperativa de habitação atingiu o seu auge, nós usávamos *gherao* [impedir (alguém) de sair de um local de trabalho até que certas exigências sejam atendidas] para cada ministro que visitava Solapur, exigindo conhecer o status de nosso projeto de habitação”, diz ela em uma mistura de Hindi, Urdu e Marathi.

Adam, agora um membro do Comitê Central do Partido Comunista da Índia (Marxista), o CPI (M), lembrou um exemplo da oposição e preconceito que tiveram que enfrentar quando os trabalhadores inicialmente abordaram o governo com sua proposta para o projeto habitacional: “Quando nos aproximamos de Satya Narayan Jatiya, a ministra do Trabalho no centro, ele afirmou que isso era um esquema de desvio de dinheiro”.

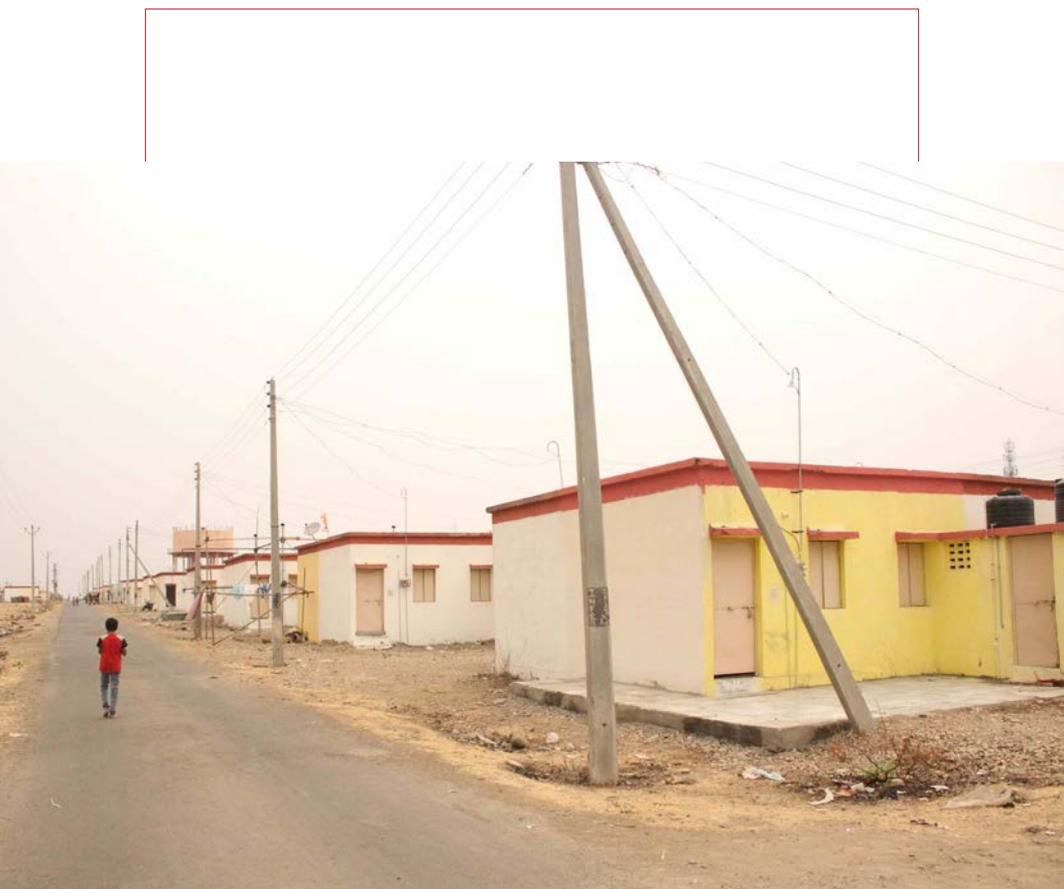
De acordo com ativistas do CITU, os principais grupos políticos, incluindo o Congresso Nacional Indiano (que tem sido o partido na Índia durante o período mais longo desde a independência), mostraram-se céticos em relação à iniciativa. Mas a campanha do sindicato resultou na iniciativa ganhando apoio de líderes políticos em Maharashtra em todo o espectro político.

“Sharad Pawar, Sushil Kumar Shinde, Manohar Joshi, Chandrakant Khaire, Mulayam Singh Yadav [líderes de vários

partidos políticos] e sete ou oito membros do parlamento da CPI (M) juntos entregaram ao Primeiro Ministro Atal Bihari Vajpayee em 8 de março de 2000, Dia da Mulher, a proposta. “Qual é o problema”, ele perguntou, e eles explicaram a demanda para ele. “Venham para o meu escritório”, disse o primeiro-ministro. Depois de chegar ao escritório, ele ligou para Jatiya e a orientou a sancionar o projeto das 10.000 casas”, recorda com carinho a importante vitória, quando grandes líderes vindos de vários partidos políticos deram as mãos para pressionar o governo central.



Bandeiras do Partido Comunista Indiano (Marxista) tremulando em cima de uma loja perto da Praça da Revolução, Kumbhari
Subin Dennis/Instituto Tricontinental de Pesquisa Social



Conjunto Habitacional Meenakshi Sane
Subin Dennis/Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

O primeiro projeto inaugurado

Após uma série de negociações, a proposta foi sancionada no dia 8 de Março de 2001. A construção foi realizada pela Pandhe Constructions, uma empresa local, e o Complexo Habitacional Godavari Parulekar foi **inaugurado** em 1 de setembro de 2006 pelo então primeiro-ministro Manmohan Singh. A reunião pública contou com mais de 100.000 pessoas.

Uma unidade típica de casa elaborada tem cerca de 555 pés quadrados (por volta de 50 metros quadrados), e o projeto está espalhado por 182 hectares, em Kumbhari, 8km de da cidade de Solapur. O projeto inclui espaços abertos, bem como terras para serviços comunitários, escolas, hospitais, etc. O estado e o governo federal contribuem com a construção de linhas de eletricidade, uma sub-estação elétrica e tanques de água. A Corporação Municipal de Solapur forneceu o abastecimento de água.

Cada trabalhador pôde comprar uma casa por Rs. 20,000 (pouco menos de US\$300), um terço do custo total. Trabalhadores pagaram sua parte parcelada e os fundos para este fim foram retirados de suas poupanças pessoais e seus próprios fundos de seguridade social. A participação do governo central no projeto veio do Fundo de Bem estar dos Trabalhadores da Produção de Beedi, do qual consiste no imposto cobrado sobre a manufatura do beedi.

O segundo projeto, inaugurado em 2015 e denominado de “Projeto Habitacional Camarada Meenkshi Sane”, envolveu a construção de 1.500 casas para mulheres trabalhadoras de beedi. Foi titulado com o nome da sindicalista Meenakshi Sane, um das primeiras trabalhadoras da Organização dos Trabalhadores da Produção de Beedi de Solapur.

O terceiro projeto é o maior, e tem como objetivo construir 30.000 casas a preços acessíveis para os trabalhadores da produção de beedi, trabalhadores têxteis e setores não organizados, com um custo total de R\$18,11 bilhões (por volta de US\$ 263 milhões). Os trabalhadores foram organizados em cinco sociedades cooperativas para este fim – em sua maioria mulheres religiosas, trabalhadores da tradicional comunidade de sapateiros, no tear, mulheres da produção de beedi e na produção de roupas prontas e sob medida.

Essas cinco cooperativas se uniram para formar a Federação de Habitação Cooperativa RAY Nagar. Grandes manifestações e comícios foram realizados para mobilizar apoio e persuadir os governos federal e estadual a fornecer fundos para essa obra também. Os governos [autorizaram o projeto](#) em 2016, e espera-se que a obra esteja concluída em 2021.

“Será diferente de tudo o que você já viu em qualquer outro lugar. Não há indústrias, nem pessoas ricas, nem mesmo a classe média. Será apenas uma cidade da classe trabalhadora”, diz Narasayya Adam.



Conjunto Habitacional com 30.000 unidades, em construção
Subin Dennis/Instituto Tricontinental de Pesquisa Social



Mercado Noturno na Praça da Revolução, Kumbhari
Subin Dennis/Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

De uma vila a uma pequena cidade vibrante

A mudança das favelas da cidade para as casas em Kumbhari constituiu um grande avanço para os trabalhadores. Contudo, as pessoas que se mudaram para as casas em Kumbhari enfrentaram dificuldades no transporte nos primeiros dois anos. Então o CITU persuadiu o Transporte Municipal de Solapur – a empresa de transporte da Corporação Municipal de Solapur – a iniciar os serviços de ônibus para Kumbhari. A tarifa de ônibus de qualquer lugar em Kumbhari para a cidade de Solapur se manteve baixa, em Rs. 7 (US \$ 0,10).

“Também trouxemos a indústria da produção de beedi aqui. Vinte galpões de trabalho foram construídos e fornecidos para a indústria da produção de beedi com aluguel mínimo”, M.H. Shaikh, Maharashtra Secretário Geral do Estado do CITU, explicou. Beedis são feitos em lares por mulheres trabalhadoras, e os beedis enrolados são coletados nos galpões de trabalho. “Os homens nos domicílios trabalham no setor de teares elétricos e muitas indústrias de teares migraram para cá automaticamente. Então os homens também não precisam ir longe para o trabalho”.

“Nós persuadimos a Zila Parishad [o órgão administrativo local no nível distrital] a iniciar escolas para as crianças daqui. Eu cedi a terra com uma proposta aberta, e há seis escolas primárias grandes aqui agora. Há também cinco escolas secundárias na

área ”, disse Shaikh em uma entrevista no escritório da CPI (M) em Kumbhari.

Um hospital cooperativo nas proximidades foi convencido a fornecer tratamento de emergência gratuito ao povo de Kumbhari e a cobrar taxas baixas por outros tipos de tratamento. Os esforços para obter do governo central a criação de um hospital de 100 leitos onde o tratamento é fornecido gratuitamente estão em andamento.

Kumbhari, que anteriormente era uma vila, é agora uma cidadezinha movimentada, com a chegada de quase 50.000 pessoas como parte dos projetos habitacionais do CITU e obras menores criadas por outros grupos. As comodidades comerciais foram fornecidas e lojas que vendem vários produtos surgiram. A feira de rua no Kranti Chowk de Kumbhari (“Praça da Revolução”) está repleto de clientes das 5 da tarde até às 10 da noite.

O mundo toma nota

Em junho deste ano, o esforço ganhou reconhecimento internacional, a iniciativa ganhou o prêmio Transformative Cities 2018, estabelecido pelo Instituto Transnacional de Amsterdã (TNI).

O prêmio visa reconhecer práticas políticas que possam servir de inspiração para os outros, nos campos de água, energia e habitação. De uma lista de 32 iniciativas desse tipo de 19 países, nove – três de cada um dos três campos – foram pré-selecionados para o prêmio. As inscrições foram da Bolívia, Nigéria, França, EUA, Maurício, Tanzânia, Espanha (que teve duas entradas) e Índia. A iniciativa de Solapur ganhou o prêmio na categoria de habitação, e também ganhou o número máximo de votos, entre todos os nove candidatos pré-selecionados, nas pesquisas online.



Conjunto Habitacional Godavari Parulekar
Subin Dennis/Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

O que isso significa

A luta determinada das trabalhadoras de Solapur, organizada em cooperativas, resultou em um notável deslocamento de suas vidas precárias e inseguras em casas alugadas. As favelas que ainda existem em Solapur hoje são barracos apertados separados por faixas que às vezes têm apenas um metro de largura. Drenos com água colorida – devido a efluentes de unidades têxteis – passam pela favela próxima ao escritório do CITU na cidade. “Conseguimos tirar as pessoas de condições de vida tão perigosas”, disse Shaikh.

O que o movimento da classe trabalhadora em outros lugares da Índia pode aprender com a experiência do CITU em Solapur? Perguntamos a Narasayya Adam.

“Os trabalhadores do setor informal em nosso país, eles não têm nada. Nós tentamos organizá-los e, ao fazer isso, devemos trabalhar para ajudar os trabalhadores a fazer uso de vários arranjos governamentais também. Se não obtermos qualquer resultado para a adesão dos sindicatos e se os trabalhadores também não, eles vão ficar com raiva e sair depois de 3-4 anos”, diz Adam. Esforços como a iniciativa habitacional em Solapur melhoram as condições de vida dos trabalhadores de imediato. E eles também ajudam a fortalecer e preparar os trabalhadores para mais e maiores lutas para trazer mudanças sistêmicas de longo alcance na sociedade.

“Esforços como esses devem ser feitos em todos os lugares. Os trabalhadores precisam se unir para conquistar suas demandas”, acrescenta Adam. Mais iniciativas de moradia foram efetivamente realizadas em outros estados, como Tamil Nadu e Bengala Ocidental, segundo fontes do CITU.

As iniciativas habitacionais da CITU em Solapur tornaram-se marcos na história das moradias de baixo custo, movimentos da classe trabalhadora, movimentos cooperativos e o papel do governo na criação da seguridade social com a participação das pessoas. Esses projetos de moradias populares mostraram que os trabalhadores podem realizar seu sonho de moradia com a força de seus próprios movimentos consolidados e com a cooperação dos governos.

Ao mesmo tempo, eles demoliram o mito de que os sindicatos não estão preocupados com o setor informal; que os sindicatos são incomodados apenas com trabalhadores em grandes fábricas e no setor público. Eles também apontam para maneiras bem-sucedidas de superar algumas das dificuldades que já existiam antes das organizações da classe trabalhadora, comumente citadas, nesses tempos em que grandes fábricas estão sendo desmanteladas e os trabalhadores fazem seus trabalhos em locais dispersos. Os trabalhadores da produção de beedi fazem o trabalho em casa, e o sucesso da CITU em organizá-los mostra que os sindicatos estão encontrando maneiras inovadoras de organizar os trabalhadores – neste caso, em um espaço onde o local de trabalho e a casa coincidem.





Mulheres rolando beedis no Kumbhari
Subin Dennis/Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

Tricontinental: Institute
for Social Research *is an
international, movement-driven
institution focused on stimulating
intellectual debate that serves
people's aspirations.*

Instituto Tricontinental
de Pesquisa Social *é uma
instituição internacional,
organizado por movimentos,
com foco em estimular o debate
intelectual para o serviço das
aspirações do povo.*

the **trico**ntinental.org